

CRÍTICA DO *ESCLARECIMENTO*

ALDO DE LIMA

Universidade Federal de Pernambuco

A indicação do Setor de Estudos Literários do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco para homenagear o Professor Antonio Candido com o título Doutor *Honoris Causa*, e o seu deferimento pelo Conselho Universitário, reafirma a vocação da cultura de Pernambuco para confiar e reconhecer na Arte, na Ciência e na Filosofia formas de conhecimento obrigatoriamente compromissadas com o progresso espiritual e social do ser humano.

A longa tradição deste velho, nobre e republicano Estado sempre esteve identificada com as grandes utopias direcionadas para as liberdades humanas e as soluções dos problemas da humanidade. As utopias republicanas de Frei Caneca, as utopias abolicionistas de Joaquim Nabuco, as utopias de Paulo Freire para uma Educação como prática da liberdade, as utopias de Josué de Castro contra a fome expressam a tenacidade e a obstinação de seu povo que historicamente tem acreditado na razão como instrumento basilar para o ser humano vencer suas necessidades históricas e superar suas dessemelhanças.

Na contemporaneidade do século XXI, Pernambuco continua sua tradição racionalista identificada em pesquisas desenvolvidas, dentre outros órgãos públicos, no *campus* da sua maior Universidade Federal, avaliadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de máxima excelência acadêmica a exemplo da pós-graduação em Física, Química e Ciências da Computação. Qualidade de pesquisa também reconhecida por este mesmo órgão de fomento em outros programas de pós-graduação tais como História, Letras, Psicologia Cognitiva, Administração, Matemática, Direito, Tecnologias Energéticas e Nucleares, Medicina Tropical, Engenharia Civil, Ciências Biológicas, Nutrição, Geografia, Desenvolvimento Urbano, dentre outros.

Essas pesquisas aprofundam o trabalho, a qualificação e a responsabilidade teórico-científica, assim como o compromisso social, de uma Universidade cujas bases formadoras vêm da união da Faculdade de Direito do Recife, que teve Tobias Barreto como um de seus mais ilustres docentes e onde estudou significativa parcela da intelectualidade brasileira do século XIX, a exemplo de Sílvio Romero, Araripe Junior, Castro Alves, Martins Junior, Capistrano de Abreu; da Escola de Engenharia de Pernambuco, onde foi aluno e professor o Poeta-engenheiro-calculista Joaquim Cardozo; da Faculdade de Medicina do Recife e das Escolas anexas de Odontologia e Farmácia, onde Jorge Lobo identificou a *lacaziose*, enfermidade também conhecida por *mal de Jorge Lobo* predominante na América do Sul; da Faculdade de Filosofia do Recife e da Escola de Belas Artes, onde Evaldo Coutinho ensinava que “a Arquitetura é um gênero artístico autônomo, cujos valores estão nos espaços internos onde elementos como luz, sombra, temperatura, ruído e silêncio são fundamentais” e onde também defendia que “Deus é arquiteto”.

Hoje, este *campus* de insignes lãureas acadêmicas confirma sua vocação para distinguir as grandes produções de conhecimento empreendidas pela Ciência, pela Arte e pela Filosofia, outorgando o título Doutor *Honoris Causa* ao Professor Antonio Candido de Mello e Souza, cujo pensamento, de engenho e arte, é, há décadas, referência obrigatória no curso de Letras e cuja autoria de clássicos como o monumental *Formação da literatura brasileira* e de ensaios antológicos a exemplo de *Literatura e subdesenvolvimento*, *Literatura de dois gumes*, *Ficção e confissão*, *Crítica e sociologia*, *A literatura e a vida social*, *Estímulos da criação literária*, *A vida ao rés-do-chão*, *Dialética da malandragem*, tem sido o apoio teórico para monografias, dissertações e teses apresentadas à graduação e ao programa de pós-graduação.

Quando, em 1995, organizamos em nosso Departamento a *II Semana de estudos literários*, cujo tema debateu “Literatura, Sociologia, Educação” e cujo homenageado foi o Professor Antonio Candido, este atendeu o nosso pedido para gravar uma entrevista, que aconteceu em sua residência no Itaim. Dentre as perguntas que lhe fiz uma foi sobre a razão, a outra sobre a dialética.

Acerca da razão, perguntei-lhe o seguinte: “a razão, como instrumento de emancipação e promoção da humanidade, teve também, neste século, seus defensores convictos. O Sr. também acredita que, através da razão, o ser humano pode emancipar-se, promover-se?”

Respondeu nosso Mestre: “eu acredito. Nesse sentido eu sou bastante racionalista. Uma das grandes conquistas do nosso tempo foi a demonstração de como as forças irracionais são poderosas no homem e têm que ser levadas em conta. O problema é o seguinte: é não deixar que as forças irracionais sejam a tônica. Porque, como dizia Hauser, na *História social da arte e da literatura*, desde o século XVIII o homem tem uma tendência muito grande para explicar o aparente pelo oculto. O marxismo é assim, ele explica a superestrutura pela infraestrutura, Nietzsche é assim, Hartmann é assim, na Filosofia do inconsciente, Freud, mais do que todos, é assim quando faz da nossa razão um simples afloramento

de uma massa de inconsciente formidável. Então o nosso tempo tem essa vantagem de adquirir consciência, vamos dizer, das forças não-rationais do homem, mas a única salvação do homem é dar a hegemonia na nossa fórmula pessoal, aos ditames da razão. De maneira alguma deve apagar no homem o predomínio da razão, que é nosso único guia nesse mundo irracional.”

A propósito da dialética, perguntei-lhe em que o método dialético foi importante no seu itinerário de *observador literário*. A resposta é a seguinte:

“pergunta que me parece muito pertinente e que respondo com muito prazer, porque aí está um dos apoios do meu trabalho intelectual. Na Sociologia sempre houve uma grande discussão sobre forma e conteúdo. Existe uma teoria sociológica alemã, que eu estudei muito, a Sociologia Formalista, que dizia que a gente deve estar apenas na forma dos fenômenos. Competição. A Sociologia, sobretudo, das formas; e é com as formas na mão que eu me dirijo aos conteúdos. E havia outras correntes que diziam não, a Sociologia é, sobretudo, descrição do real, e essa descrição assume certos caminhos [...]. Eu me formei no meio dessas discussões e no meu tempo o grande conceito em Sociologia, em Antropologia era: como é que os tipos de comportamentos humanos se ordenam em função de uma finalidade? A sociedade é, toda ela, regida por comportamentos que se entrelaçam formando uma sociabilidade, mas sempre em vista de um fim. Isso é o funcionalismo e teve grande influência sobre mim. E, finalmente, desde moço li bastante marxismo e a partir daí, realmente, essas posições, tanto a da sociologia acadêmica, quanto a do marxismo, foram muito importantes para mim, e aí eu respondo a sua pergunta, porque tanto a partir da sociologia acadêmica, quanto a partir do marxismo, eu fiquei com duas obsessões. A primeira obsessão é explicar o aparente pelo oculto e a segunda é raciocinar em função dos contrários. Tudo o que eu escrevo, pode-se notar mais visível ou menos visível, é sempre feito em função dos contrários, é um processo dialético, é e não é, pode e não pode, era e não era. A partir daí eu procuro tirar minhas diretrizes [...].”

Com estas perguntas, queria ouvir do próprio Professor Antonio Candido a confirmação do que já se verificara a respeito do seu procedimento metodológico.

Qual a importância e a utilidade desta metodologia, procedimento de um pensamento racional e dialético, para o estudo teórico-crítico de uma literatura produzida no contexto de uma cultura dependente, mestiça, de um povo que, embora há muito tempo brasileiro, protagonista da vasta metáfora do projeto literário e cultural aqui desenvolvido, seja, ainda hoje (por falta, dentre outros fatores, de uma educação pública que lhe assegure o letramento literário) alienado da sua própria Literatura?

É importante porque tem reiterado e ensinado a gerações de professores, pesquisadores, críticos, intelectuais, estudantes e leitores que a Literatura, além de prazer estético, é expressão de cidadania, *um direito inalienável*, como está bem ilustrado em *O direito à literatura*.

É importante porque o conjunto da sua obra move-se sob uma vasta lição de humanismo na medida em que a maior personagem do seu trabalho de *obser-*

vador literário não é a literatura e suas formas ou estruturas encantatórias, mas o seu maior protagonista: o ser humano. O ser humano e suas necessidades históricas; o ser humano e suas inquições acerca do vasto mundo; o ser humano e suas utopias; o ser humano cuja humanidade a literatura tem a capacidade de confirmar, como defende o nosso Professor em *A literatura e a formação do homem*, e cuja comprovação de tese, digamos assim, está demonstrada, por exemplo, em *Ficção e confissão*, onde ele pretendeu “captar a visão do homem na obra de Graciliano Ramos”, e onde ao considerar o autor como uma possibilidade de explicação da obra, ele ratifica seu humanismo ao mostrar que é o ser humano a grande inquietação de seus estudos e de suas investigações.

Humanismo que se esclarece em uma de suas concepções sobre a literatura como “aspecto orgânico da civilização” (*Formação da literatura brasileira*) e que o aproxima dos gregos, os quais, na lição de Werner Jaeger, “estavam convencidos de que a educação e a cultura não constituem uma arte formal ou uma teoria abstrata, distintas da estrutura histórica objetiva da vida espiritual de uma nação; para eles, tais valores concretizavam-se na literatura, que é a expressão real de toda cultura superior” (Paidéia).

Humanismo cujo empenho de promover a dignidade do ser humano brasileiro tem esclarecido como a nossa Literatura metaforizou a construção da identidade e do caráter nacional, as nossas interrogações diante da vida e de suas finalidades; diante das nossas semelhanças e dessemelhanças; diante das nossas igualdades e desigualdades. São esclarecimentos que colocam o seu Autor no grupo de grandes intérpretes do Brasil a exemplo de Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda.

Associando sua erudição a um texto escrito possível de ser lido e compreendido, o *Mestre da crítica literária brasileira* apresenta lições para pensar e problematizar a nossa Literatura não apenas no campo da teoria e das ideias, como também a esclarece, por exemplo, *Na sala de aula*, sugestivo título de um dos seus livros onde “maneiras possíveis de trabalhar o texto” sugeridas ao professor e ao estudante esclarecem os efeitos estéticos da literatura e sua legitimidade como suporte no processo de apropriação crítico-reflexiva do mundo pelo ser humano. Estratégia de um Educador e de um Professor, cujo exercício do magistério, nas palavras de Francisco Iglesias (*Antonio Candido, o escritor e o político*), *chega a ser missão*, e cujo espírito esclarecedor das vocações estéticas e libertárias da Literatura o aproxima de uma das grandes pedagogias contemporâneas que teorizou a Educação como prática para as liberdades humanas. Neste contexto, lembremos mais uma vez da conferência *O direito à literatura* e de mais outros ensaios, a exemplo do que ele ilustra em *Literatura e subdesenvolvimento* numa época em que ainda a nossa Universidade quase não pensava sobre políticas e práticas educacionais para o ensino de Literatura, nem a pesquisa sobre Escola, Meios de Comunicação de Massa e Literatura era tema para produção de dissertações e teses acadêmicas como ocorre desde as três últimas décadas do século XX até a contemporaneidade do século XXI.

A todos os professores, sobretudo os do ensino fundamental, e a todos os estudantes que se preparam para o magistério do ensino da leitura literária, a lição do Mestre Candido, transcrita a seguir, é obrigatória porque esclarece equívocos, supera erros e faz entender que para se estimular, sobretudo entre crianças e adolescentes, o gosto pela leitura literária tem de se ler literatura, naturalmente numa proporção de desafios que considere não só os *estádios cognitivos*, usando a terminologia piagetiana, como a maturidade do aluno: “[...] na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa. Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura, como a concebemos aqui; mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da fase folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada” (*Literatura e subdesenvolvimento*).

O trabalho humano e intelectual do Professor Antonio Candido, construído sob as influências da tradição e, naturalmente, do seu tempo histórico, confirma as palavras de Dante Alighieri acerca da importância do passado como herança para os que se inclinam a amar a verdade: “o principal interesse de todos os homens que pela sua natureza superior são inclinados a amar a verdade, parece-me que seja este: assim como foram enriquecidos pelos antepassados, possam dar a mesma riqueza àqueles que virão depois deles” (Da monarquia).

A história nos mostra que a natureza superior do Mestre Antonio Candido, de *razão e esclarecimento*,¹ enriquece o presente e projeta-se para um futuro humano no ritmo e no verso, na poesia e nas utopias do Poeta do *Mundo grande*: — *Ó vida futura! Nós te criaremos*.

Professor Antonio Candido de Mello e Souza,
a Universidade Federal de Pernambuco, de maneira especial
o Departamento de Letras, *com honra e acatamento*,² o estima e o saúda!

Aldo de Lima

¹*Esclarecimento* no sentido da *Aufklärung*, que não é apenas um conceito histórico-filosófico, mas uma expressão familiar de língua alemã, que encontra um correspondente exato na palavra portuguesa *esclarecimento* em contextos como *politische Aufklärung* (*esclarecimento político*). As duas palavras designam, em alemão e em português, o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (políticas, religiosas, etc); [...] o esclarecimento que resulta da reflexão e da crítica. Kant define a *Aufklärung* como um processo de emancipação intelectual resultando, de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e, de outro, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente menores por seus maiores (superiores hierárquicos, padres, governantes, etc.). In: *Dialética do esclarecimento*, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. Nota preliminar do tradutor Guido Antonio de Almeida, p. 7-8. Registro meu débito com Adorno e Horkheimer a respeito do título deste texto.

²Alçando os olhos, de respeito entrado, / O Mestre vejo dos que mais se acimam / Em saber, de filósofos cercado. / Todos com honra e acatamento o estimam”. Dante Alighieri ao referir-se a Aristóteles n’ *A divina comédia*, IV Canto. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo, Edigraf, 1958, p. 27.